

Na idade de namoro



WILL STANTON

Um pai prepara o filho para o primeiro encontro

COMO eu disse a minha mulher pouco antes da primeira vez que nosso filho mais velho marcou encontro com uma garota, os psicólogos afirmam que esse acontecimento pode determinar o futuro de sua vida afetiva e de seu casamento.

«Bobagem», protestou Maggie. «Como foi o seu primeiro encontro?»

Tentei me lembrar desses tempos já passados, mas nem mesmo o nome da garota me ocorreu à memória. «Isso não vem ao caso», disse-lhe. «Lembre-se de que Roy é um rapaz tímido e sensível.»

«Pelo amor de Deus, é uma festinha caseira», disse Maggie. «Ele vai levar a Karen Wesley. Eles cresceram juntos.»

«Ainda não cresceram», repliquei.

«Você a tem visto ultimamente?» perguntou. «Está encantadora.»

Sim, eu a tinha visto. Esbelta como uma gazela, cabelo sedoso, feições delicadas — um tipo realmente para virar a cabeça de qualquer um. Pobre Roy. «Ainda temos mais uma semana», disse eu. «Com um bom treinamento...»

«Ele já sabe dançar», disse Maggie, «e é bem educado. De que mais precisa?»

«De quase tudo.» Chamei Roy. Entrou seguido do irmão mais novo, Sammy. «Roy, eu soube que você vai levar Karen à festa na semana que vem.»

«Acho que sim», respondeu.

«Você vai marcar encontro com uma garota», disse-lhe, «e isso é mais sério do que pensa. Não tenho idéia do que você sabe acerca de garotas...»

«É como no galinheiro», explicou. «Sabe, a galinha põe o ovo...»

«Esqueça o galinheiro. Não é disso que estou falando.»

«Com os patos é a mesma coisa», disse Sammy. «A única diferença é que eles sabem nadar.»

«Esqueça as galinhas e os patos», interrompi. «Estou-me referindo ao fato de você ir a casa de Karen, tocar a campainha e acompanhar a moça para sair. Isso não é a mesma coisa que ir buscar Sparky para jogar futebol.»

«Em primeiro lugar», disse Roy, «ele não estaria usando sapatos-tênis.»

«Você está vendo?» comentei para Maggie.

«Se, ao menos, você não fizesse disso um assunto tão importante», observou Maggie.

O problema é que Roy levava tudo na brincadeira. «Tentei ajudá-lo», expliquei a Maggie, «mas ele não entende o significado daquilo em que está envolvido. Deus sabe que fiz o que pude:

ensinei-lhe truques de baralho, histórias engraçadas, como fazer um ovo desaparecer de um chapéu...»

Maggie concordou que eu tinha feito até mais do que devia.

RESOLVI que o melhor seria fazer um ensaio. Sammy aceitou fazer o papel de Karen e eu faria o do pai dela. Queria que Maggie fizesse de mãe, mas, na última hora, desapareceu – o que era hábito dela. Esperava ter problemas com Sammy, mas ele desempenhou o papel com seriedade, colocando uma velha peruca de Maggie, maquilando-se e perfumando-se. Tropeçou com os sapatos altos no meio da escada e caiu, mas, quanto ao resto, portou-se muito bem.

Roy saiu e bateu à porta. «Entre», disse-lhe. «Oi, prazer em vê-lo, Roy. Como vão os seus?»

Respondeu que tudo ia bem, exceto que a mãe estava zangadíssima com o pai. Eu disse: «Oh!» «É verdade», prosseguiu Roy, «ela acha que esse negócio de ensaio é uma tolice e foi regar o jardim.» «Oh!» disse eu.

Nesse ponto, Sammy entrou com andar vacilante e exclamou: «Alô!» Roy correspondeu com «Alô!» e comentou: «Que lindo vestido, Karen.»

Sammy baixou a vista, olhando para sua camiseta suja de tinta e de molho. «Vesti-o especialmente para você», anunciou. «Pus também duas espécies de perfume.»

«Eu sei», disse Roy. «Senti o cheiro lá da rua.»

«Parem», disse-lhes. «Não se fala em cheirar nada num encontro como este. Conversa-se sobre livros, sobre o tempo ou um programa de televisão.»

Roy perguntou a Sammy se tinha lido algum livro bom. Sammy respondeu que não. Roy disse que o calor estava bravo.

«Claro que sim», disse Sammy. «Tenho suado como uma cabra.»

Fiquei calado. Roy perguntou-lhe com que frequência ela tomava banho.

Ouvi alguém tossir. Maggie estava na porta.

«Ah, você está aí, minha querida? Este é o jovem Roy. Veio buscar Karen para o baile. Estávamos batendo um papo muito interessante.» Maggie revirou os olhos para cima. Roy fez uma reverência em sua direção. «É fácil ver de quem sua filha herdou tanta beleza», disse.

«Muito obrigada», respondeu Maggie. «Você é muito gentil.»

NA NOITE da festa, quando terminei de lavar o carro, fui dar com Roy limpo, escovado, penteado e de sapatos engraxados. Examinei-me friamente. Depois, perguntou-me se eu não tinha uma gravata menos espalhafatosa. Parecia o vice-presidente de alguma coisa – como se tivessem acabado os anos da adolescência. Engraçado! Tive pena.

Ao levá-lo de carro, dei-lhe uma olhadela. Não sei como, ele tinha pegado um salpico de lama no sa-

pato, a gravata havia entortado para um lado e ele começava a suar. Rapaz bem parecido.

Diminuí a velocidade quando nos aproximamos da casa. «Não pare», disse ele com a voz enrouquecida. «Continue.» Fui rodando. Seu rosto estava pálido e úmido. Perguntei se se sentia mal. Respondeu que sentia algo na garganta. Sua face parecia petrificada como uma máscara.

«Sabe», disse-lhe com naturalidade, «no meu primeiro encontro com sua mãe, empurrei-a dentro de um pequeno lago com peixes – acidentalmente. Mais tarde, quando lhe fazia uma mágica, entornei a tigela do ponche.» Assim continuamos, até que, quando completamos a volta ao quarteirão, tinha-lhe passado o estado de pânico. Evidentemente, o encontro que lhe contei nunca acontecera realmente; o que fiz foi juntar em um só incidentes acontecidos em uma meia dúzia de encontros. Roy nunca saberia.

Enquanto o observava subindo a calçada, ele tropeçou num desnível do terreno. Pensei no longo caminho que se preparava para trilhar: os encontros homem-mulher, com uma infinidade de variações à sua frente. Era uma longa e pedregosa estrada, cheia de flores e espinhos, grandes aventuras e comédias ridículas, frustrações e intriga, prazer e desespero. Eu sabia que nada de melhor poderia desejar-lhe e tive vontade de gritar-lhe: *É isso aí, Roy!* ▲